



## A Representação do Cangaço na Novela Cordel Encantado<sup>1</sup>

Kátia Mirla Sousa LUZ<sup>2</sup>

William Robson CORDEIRO<sup>3</sup>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN.

### RESUMO:

Um estudo sobre representações é um exercício de desconstrução. É desacelerar um processo naturalmente veloz para investigar o modo como compreendemos o mundo. Empreendemos nesse desafio com o intuito de analisar as relações sógnicas e simbólicas que se constituíram a partir da tentativa de representar um movimento da história do Brasil (o Cangaço) em um produto da mídia (a novela Cordel Encantado). Após uma breve contextualização sobre a natureza do nosso objeto, citamos alguns exemplos de outras produções que giram em torno desse tema e, por fim, elegemos como fundamentação teórica a semiótica, aliada aos elementos da linguagem visual e à construção social da realidade – uma vez que reconhecemos a existência de muitos condicionamentos em torno dos conceitos que carregamos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cangaço, Cordel Encantado, Semiótica, Representação.

### INTRODUÇÃO

Embarcamos em uma viagem que exige um nível de desprendimento comum a poucas. Decidimos investigar as representações e mergulhamos numa produção construída em um universo de fantasia, de conto de fadas, que comporta um reino fictício da Europa e uma pequena cidade no sertão nordestino – palco para a adaptação feita a partir de um dos movimentos mais relevantes da história do país. Aliás, não é a primeira, nem foram poucas as vezes que nos deparamos com versões do cangaço no cinema e na televisão, por isso decidimos citar alguns exemplos para reafirmar o interesse da mídia em narrar os fatos e as lendas em torno dessa temática.

Sabemos que o Cangaço carrega consigo uma enorme influência da condição social vivida pelo povo nordestino na época, que os costumes característicos desse grupo emergem desse pressuposto e também de tradições antigas e cheias de significado. Foi para descobrir como a novela Cordel Encantado administrou essas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no II 5 – Rádio, TV e Internet do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de junho de 2015.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 4º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Radialismo da UERN email: [katiamirla@hotmail.com](mailto:katiamirla@hotmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor de Comunicação Social da UERN, Mestre em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, email: [williamdefato@gmail.com](mailto:williamdefato@gmail.com)



peculiaridades que aceitamos o convite de Santaella (2007) e buscamos as três faculdades necessárias para esse tipo de análise:

- 1) a capacidade contemplativa, isto é, abrir as janelas do espírito e ver o que está diante dos olhos; 2) saber distinguir, discriminar resolutamente diferenças nessas observações; 3) ser capaz de generalizar as observações em classes ou categorias abrangentes. (SANTAELLA, 2007, p. 7)

Elegemos, a partir disso, quatro tópicos para nosso estudo. Primeiro, destacamos as singularidades dos elementos postos nas imagens da abertura da novela, depois, no figurino, na cenografia e na linguagem falada; que, uma vez reunidos, constituem um universo de características comuns entre a produção televisiva e o cangaço, legitimando, assim, a relação de representação.

Então, com o auxílio das teorias da comunicação escolhidas, navegamos através dessas conexões.

## **O CANGAÇO**

O Cangaço foi um movimento ocorrido no nordeste brasileiro entre o final do século XIX e o início do século XX. A palavra cangaceiro advém de “canga”, uma peça de madeira que era colocada sobre os animais de carga. Uma vez que os cangaceiros eram nômades e tinham que carregar todos os seus pertences junto ao corpo, o nome faz alusão a esses objetos e aos demais adereços que compunham a vestimenta dos mesmos.

Havia, basicamente, três tipos de grupos de cangaceiros: O primeiro, dos que prestavam serviço aos latifundiários e, em troca, obtinham alguns privilégios. O segundo, com atividade semelhante, se diferenciava apenas por gozar de maior autoridade (pois representavam e defendiam abertamente as propriedades dos fazendeiros na região), eram também chamados de “políticos”. O terceiro e mais conhecido, era composto por “rebeldes independentes” que viviam o cangaço sem necessariamente estarem vinculados aos interesses de outrem. Todos espalhavam terror pelo nordeste através da violência de suas ações que iam desde saques e assaltos, a sequestros e assassinatos a sangue frio.

A origem desses acontecimentos está diretamente ligada a aspectos sociais aos quais os cangaceiros estavam condicionados. Como exemplo, podemos citar o principal expoente do cangaço: Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. Que, revoltou-se após assistir o assassinato do próprio pai e a consequente perda das poucas terras de sua família.



O declínio do cangaço começou com a implantação do Estado Novo, que trabalhou fortemente para reprimir esse tipo de atividade. Como forma de intimidar os líderes e membros, o governo investiu em uma busca por Lampião, que a essa altura já se tornara “O Rei (e símbolo) do Cangaço”. Então, em 1938, Lampião foi capturado, morto e decapitado juntamente com sua esposa Maria Bonita e outros nove de seus companheiros. Com a morte do principal ícone do movimento, muitos líderes se entregaram. Os poucos bandos que resistiram não duraram muito e se resumiram ao último grupo conhecido, o liderado por Cristino Gomes da Silva Cleto, o “Corisco”, que foi preso e teve sua cabeça decepada pelo temido tenente Zé Rufino em 1940. Até hoje, no que diz respeito ao cangaço, existem opiniões divergentes. Alguns os consideram como heróis, uma espécie de “Robin Wood” do sertão (que tirava dos ricos para dar aos pobres) enquanto outros os veem apenas como bandidos.

### **O CANGAÇO NO CINEMA E NA TELEVISÃO BRASILEIRA.**

As produções nacionais que mencionam o cangaço não são poucas. No cinema, quer seja como drama, humor ou romance, diferem apenas em relação à natureza do roteiro, mas têm em comum as características que marcam o cangaço de forma muito singular, tais como: o figurino, os cenários, as trilhas, gestos, linguajar entre outros. Como exemplo, citamos:

- O AUTO DA COMPADECIDA (1999)  
Gênero: Comédia  
Direção: Arraes, Guel
- BAILE PERFUMADO (1996):  
Gênero: Drama  
Direção: Caldas, Paulo; Ferreira, Lírio
- JESUÍNO BRILHANTE: O CANGACEIRO (1972)  
Gênero: Drama; Aventura  
Direção: Cobbett, William
- DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL (1964):  
Gênero: Drama  
Direção: Rocha, Glauber
- O CANGACEIRO (1953):  
Gênero: Drama  
Direção: Barreto, Lima



Na televisão, a telenovela “Mandacaru” foi exibida originalmente na Rede Manchete entre 12 de agosto de 1997 e 8 de agosto de 1998 com 259 capítulos, no formato de 480i (SDTV). Posteriormente, a Rede Bandeirantes comprou os direitos e reapresentou entre 9 de janeiro e 10 de novembro de 2006, não mais com 259 capítulos, mas 217.

Além dessa produção, podemos destacar a reportagem especial, parte da série “Trilhas do sertão”, exibida no Jornal da Record em 16 de setembro de 2013, que trata da história de Lampião e Maria Bonita. Na mesma emissora, outra série de reportagens chamada “Na trilha do cangaço”, exibida a partir de 15 de junho de 2009, além de contar a história do cangaço e mostrar um pouco da herança cultural que o movimento deixou, tece um paralelo entre o modo de agir dos cangaceiros e de quadrilhas que atuaram na região nordeste no final do século XX, que se espalharam pelo país e seguem com suas práticas até os dias de hoje.

### **A NOVELA CORDEL ENCANTADO**

Exibida entre 11 de abril e 23 de setembro de 2011 e produzida pela Rede Globo, Cordel Encantado trouxe para a televisão brasileira, na faixa das 18:00h, uma história que envolvia características de conto de fadas e literatura de cordel.

A narração criada por Thelma Guedes e Duca Rachid se passa entre a fictícia cidade de Brogodó, no sertão nordestino do Brasil, e o também fictício Reino de Seráfia, na Europa.

O núcleo principal gira em torno dos personagens Açucena/Aurora (Bianca Bin), Jesuíno (Cauã Reymond) e Timóteo Cabral (Bruno Gagliasso) que além de um triângulo amoroso são elo de ligação entre as realidades distintas da trama. Esta tem início em meio a uma guerra entre os Reinos de Seráfia do Norte e Seráfia do Sul. Com a morte eminente do Rei Teobaldo de Seráfia do Sul (Thiago Lacerda), o Rei Augusto Frederico III de Seráfia do Norte (Carmo Dalla Vecchia), propõe um acordo para o fim da guerra que seria selado definitivamente, reunificando os reinos, através do casamento de seus filhos: Felipe (Jayme Matarazzo) e Aurora, respectivamente. No entanto, após o nascimento da filha, o Rei Augusto decide embarcar para o Brasil, onde o fundador de Seráfia, Dom Serafim, teria escondido um tesouro. Ao chegarem à cidade de Brogodó, foram vítimas de uma emboscada planejada pela Duquesa Úrsula (Débora Bloch) – que almejava o trono – com o auxílio do mordomo e amante Nicolau (Luiz Fernando Guimarães), ação que resulta no sequestro da Rainha Cristina (Aline Moraes) e da



Princesa Aurora. Percebendo o perigo ao qual estavam expostas, a Rainha Cristina decide entregar sua filha a um casal de sertanejos, na tentativa de salvar-lhe de vida. Na fuga, é reencontrada pelo mordomo Nicolau e vem a óbito após cair de um penhasco. O Rei Augusto retorna à Seráfia desolado por pensar ter perdido a esposa e a filha.

Concomitantemente, também em Brogodó, Herculano (Domingos Montagner), o maior e mais temido cangaceiro da região, decide deixar seu filho Jesuíno e sua esposa Benvinda (Cláudia Ohana) na fazenda do Coronel Januário Cabral (Reginaldo Faria), para que o garoto cresça em segurança, prometendo retornar vinte anos depois para fazê-lo seu sucessor no posto de “Rei do Cangaço” e comprometendo-se a defender as terras do Coronel, em troca da acolhida dada à sua família.

Benvinda viveu esses vinte anos com o menino na referida fazenda, trabalhando como empregada. Coronel Januário tinha grande apreço por Jesuíno, de quem era padrinho, a quem pretendia incumbir futuramente os negócios da família. Isso se tornou o primeiro motivo para a “revolta” de Timóteo Cabral em relação a Jesuíno, pois mesmo odiando lhe dar com a administração da fazenda, insistia que o afilhado de seu pai deveria ser tratado como qualquer outro empregado. Não obstante, a inveja de Timóteo ganhou maiores proporções quando Jesuíno conquistou o amor de Açucena por quem ele também era apaixonado.

Assim, Açucena e Jesuíno cresceram juntos e sem saber de suas verdadeiras origens. Passados esses vinte anos, Herculano revela ser pai de Jesuíno e Rei Augusto descobre que sua filha está viva, retorna para o Brasil e inicia a busca pela menina Aurora que, em Brogodó, segue sendo chamada de Açucena. E é nesse contexto de conflito e romance que o enredo se apresenta.

## **ANÁLISE SEMIÓTICA**

Antes de adentrarmos na discussão sobre as representações, identifiquemos alguns conceitos necessários para esse exercício. Para Berger e Luckmann, entre as realidades existentes, a realidade por excelência é a da vida cotidiana. Esta, “[...] apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 35). Na composição desse mundo coerente, há um processo mental que identifica e associa elementos presentes no repertório do sujeito e isso torna possível a compreensão do universo que o circunda.

Estudaremos esse processo através da fenomenologia<sup>4</sup> e da Semiótica<sup>5</sup>, também conhecida como a ciência geral dos signos. Segundo Santaella (2005) signo é qualquer coisa, de qualquer espécie, que representa outra coisa; e o objeto do signo é aquilo que está sendo representado. Por exemplo, a fotografia de uma casa é um signo, uma vez que apenas representa o seu objeto, que é a casa propriamente dita. Ainda segundo Santaella:

A teoria semiótica nos habilita a penetrar no movimento interno das mensagens, o que nos dá a possibilidade de compreender os procedimentos e recursos empregados nas palavras, imagens, diagramas, sons e nas relações entre eles, permitindo a análise das mensagens em vários níveis. (SANTAELLA, 2005, p. 48)

Portanto, os elementos identificados na novela (no figurino, no cenário, no linguajar; nas cores, formas e texturas) são signos, que, juntos, nos ajudam a entender e analisar sua relação de representação com o objeto, que é a realidade da vida cotidiana do Cangaço e do sertão nordestino.

Na investigação que segue, é válida a ressalva feita por Irene Machado de que “em todas as interpretações, há um misto de opinião e conhecimento” (MACHADO, 2003, p. 286); e que esse chamado “exercício de liberdade” parte do princípio de que para a semiótica, no que diz respeito à significação, não existem definições absolutas e irrevogáveis.

## IMAGENS DA ABERTURA



<sup>4</sup> “A fenomenologia tem por função apresentar as categorias formais e universais dos modos como os fenômenos são apreendidos pela mente.” (SANTAELLA, 2005, p.7)

<sup>5</sup> “A Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido. (SANTAELLA, 2007, p. 2)

FIGURA 1.



FIGURA 2 (Imagem: Reprodução/YouTube)<sup>6</sup>

A abertura faz, de certa forma, um resumo do enredo da novela e, para isso, se usa de signos que remetem ao contexto no qual ela está inserida. Para Donis A. Dondis (2007, p. 65) “O amarelo é a cor que se considera mais próxima da luz e do calor”, partindo desse princípio, observemos que a prevalência dessa cor (não só nas imagens da abertura, mas também em outros elementos analisados a seguir) tende a nos indicar o a luz forte do sol e o calor típico do nordeste.

As formas se dão a partir de traços pretos que exploram o imaginário e o repertório dos telespectadores para ganhar significado. O desenho é próprio de um tipo de arte chamada de Xilogravura<sup>7</sup>, muito presente nas ilustrações da literatura de cordel do nordeste, região que se faz palco principal para essa produção.

Na Figura 1, podemos perceber a representação do casal protagonista, sobre suas cabeças um chapéu de cangaceiro e uma coroa, que por sua vez apontam para as duas realidades antagônicas da novela: Seráfia e Brogodó. Logo ao lado, vemos o desenho do mandacaru, planta típica da caatinga; ao fundo, as casas afastadas, a Igreja, o sol; a sombra sugere profundidade de campo, e os traços na metade inferior fazem memória à textura<sup>8</sup> áspera da terra seca, que aliada ao amarelo lembram o sol e o calor conforme mencionamos anteriormente.

Na Figura 2, mais uma vez o desenho, digamos, “imperfeito” (característico da xilogravura) impresso nas mesmas cores muito se assemelha às características da

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XMI1D1zSLw>;

<sup>7</sup> Arte de gravar em madeira.

<sup>8</sup> “A textura é o elemento visual que com frequência serve de substituto para as qualidades de outro sentido, o tato” (DONDIS, 2007, P. 70)



imagem anterior. Porém, para entendê-la melhor, analisando os novos elementos postos, voltemos à Santaella:

Existe uma linguagem verbal, linguagem de sons que veiculam conceitos e que se articulam no aparelho fonador, sons estes que, no Ocidente, receberam uma tradução visual alfabética (linguagem escrita), mas existe simultaneamente uma enorme variedade de outras linguagens que também se constituem em sistemas sociais e históricos de representação do mundo (SANTAELLA, 2007, p.2).

Vejamos que a Figura 2 destaca, agora através dessa linguagem escrita, o título da obra e, além do texto, notemos a coroa e o mandacaru (este, substituindo o “T” do alfabeto), que mais uma vez remetem ao Reino de Seráfia e à terra do Cangaço, que é o sertão.

## FIGURINO



FIGURA 3 (Foto: Reprodução/Cordel Encantado/Tv Globo)<sup>9</sup>

O figurino reafirma a importância das cores no processo de representação. “A cor está, de fato, impregnada de informação, e é uma das mais penetrantes experiências visuais que temos todos em comum” (DONDIS, 2007, p.64). Ora, essas tonalidades não foram escolhidas por acaso, elas aproximam a aparência dos personagens ao estereótipo de cangaceiro que a maioria das pessoas tem em mente. Imaginemos que qualquer um

<sup>9</sup> Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/cordel-encantado/Bastidores/noticia/2011/09/elenco-do-cangaco-conta-o-que-aprendeu-com-seus-personagens.html>



desses personagens estivesse usando uma camiseta, por exemplo, de cor verde-limão, ou com muitas estampas coloridas, que remetesse a alegria, com isso, ele estaria passando uma mensagem que se contrapõe àquela ideia da seriedade como marca do cangaço.

Com base nisso, percebamos a presença de muitos tons em pastel, em contraste com as peças marrons e avermelhadas; numa textura aparentemente rústica, que remetem ao couro não raras vezes utilizado pelos vaqueiros do sertão e também pelos cangaceiros. Além destes, o tradicional chapéu de couro, os detalhes em metal, as armas que nos fazem lembrar o contexto de conflito no qual o cangaço estava inserido e os anéis que representam, além da vaidade, uma recordação dos saques e assaltos que praticavam.

## CENOGRAFIA



FIGURA 4 (Foto: Reprodução/Cordel Encantado/TV Globo)<sup>10</sup>

A cenografia também trabalhou os significados através do uso das cores, das texturas e de objetos que foram convencionados para nos lembrar do sertão, do nordeste e do cangaço. Na Figura 4, a luz nos indica que é dia, a barraca feita com diversos tecidos e presa por cordas, aponta para o fato de que os cangaceiros viviam como nômades, não tinham residência fixa, logo, acampavam escondidos mata. Os objetos em cena remetem à simplicidade como viviam, tais como os bancos de madeira e o fogareiro.

<sup>10</sup> Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/cordel-encantado/personagem/herculano1.html#fotos>;



FIGURA 5 (Foto: Reprodução/Cordel Encantado/TV Globo)<sup>11</sup>

Na Figura 5, o cenário é a casa da personagem Açucena. Podemos observar mais uma vez a prevalência dos tons em pastel, da cor amarela como representação da luz do sol; com uma ressalva na parede cuja textura lembra as casas de barro, comuns no sertão nordestino na época do cangaço. No detalhe, o ferro a carvão, a rede pendurada ao fundo e a porta, são elementos que reforçam a ideia de simplicidade supramencionada.

### LINGUAGEM FALADA

Antes de analisarmos mais esse elemento, precisamos refletir sobre a tendência que temos de privilegiar a língua como forma de comunicação. A esse respeito, Santaella afirma:

Cumprir notar que a ilusória exclusividade da língua, como forma de linguagem e meio de comunicação privilegiados, é muito intensamente devida a um condicionamento histórico que nos levou à crença de que as únicas formas de conhecimento, de saber e de interpretação do mundo são aquelas veiculadas pela língua, na sua manifestação como linguagem verbal oral ou escrita (SANTAELLA, 2007, p.2).

Já sabemos que o universo se comunica conosco de forma constante e diversa. Tanto que apenas aqui, na investigação dos signos presentes no cenário, no figurino e nas imagens da abertura da novela, já nos utilizamos algumas dessas formas de expressão e compreensão. Agora, pretendemos identificar alguns significados presentes na língua falada pelos personagens da novela e a relação deles com nosso objeto. Para compreendermos a importância dessa observação, voltemos a Berger e Luckman:

A realidade da vida cotidiana aparece já objetivada, isto é, constituída por uma ordem de objetos que foram designados como objetos antes de minha entrada

<sup>11</sup> Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/cordel-encantado/personagem/acucena.html#fotos>;



em cena. [...] vivo dentro de uma teia de relações humanas, de meu clube de xadrez até os Estados Unidos da América, que são também ordenados por meio do vocabulário. Desta maneira a linguagem marca as coordenadas de minha vida na sociedade e enche esta vida de objetos dotados de significação. (BERGER; LUCKMAN, 2004, p. 38,39)

Assim também estava a vida no sertão para o cangaço. De forma que eles chegaram ao mundo e se viram cercados de significados já estabelecidos, que podem não fazer sentido para pessoas nascidas em outras épocas ou regiões, (pois estas já sofrem a influência de seus próprios meios) mas para eles é parte fundamental da vida cotidiana, a realidade por excelência.

TABELA 1 <sup>12</sup>:

- O que é do sertão, o diabo não toma, nem Deus leva! Sejam bem vindos, meu neto e minha neta!
- Ô dona Cândida, e quêde meu filho ciço?
- Dona Virtuosa, Ciço tomou uma decisão que muito vai lhe agradar.
- O que?
- Largou do cangaço pra casar com Rosa.
- Mas olha! Tu ouviu isso, Virtuosa? Ciço largou do cangaço! Olhe capitão, com todo respeito, visse? Mas eu tô é feliz com a notícia.
- Sossegue.
- Capitão, a gente também tem uma notícia boa pra te dar
- É boa. O senhor vai ser avô, meu pai!
- Oxe, avô? Eu vou ser avô? Mas meu padim Ciço e virgem santíssima, que felicidade! Que alegria!
- E eu vou ser bisavó! Mas é muita alegria pra essa velha cangaceira, menino!
- Nós voltamo pra criar nosso menino aqui, porque eu quero que ele aprenda a andar nessa terra.
- O que foi, num lhe agradou ser rei lá no estrangeiro não, é?
- Olhe, meu pai, Seráfia é um lugar bonito por demais, né mesmo? Mas meu pensamento nunca saiu daqui do sertão. Oxe, mas o senhor tá levantando acampamento?
- Poisé, tamo sim. Vamo atravessar o rio São Francisco e ir lá pro lado das Alagoa, buscar a sorte em outro lugar, né mãe?
- É, meu filho.

TABELA 2 <sup>13</sup>:

- Aquele cabra imprestável tentou dar cabo do meu filho?
- É o que tavam dizendo lá e parece que o menino tem mania... Num foi a primeira vez, capitão.

TABELA 3:

- Tá querendo troçar comigo? Pois agora tu vai saber quem que é Herculano Araújo!
- Capitão Herculano! Os macaco da volante tão chegando! Temos que sumir no mundo!

<sup>12</sup> Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/cordel-encantado/personagem/herculano1.html#cenas>

<sup>13</sup> Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/cordel-encantado/Bastidores/noticia/2011/09/elenco-do-cangaco-conta-o-que-aprendeu-com-seus-personagens.html>.

Consideremos que essa sequência diálogos, ganha muito mais sentido na língua falada, quando é possível identificar as peculiaridades do sotaque nordestino. Mas, para nos auxiliar nessa análise, destacamos algumas expressões que são próprias dessa região. A maioria delas é fruto de uma adaptação da norma culta para a coloquial sem muito compromisso com a estrutura original, tais como: “quêde”, querendo dizer “cadê”; Ciço, Cícero; Visse, ouvistes; né, não é; entre outros. Na Tabela 1, destacamos o trecho: “meu padim Ciço e virgem santíssima”, que nos fazem lembrar que o povo do sertão em geral (dos quais os cangaceiros não eram diferentes), costuma manifestar muita fé e várias devoções. Na Tabela 2, “dar cabo” significa dar fim, matar; e na Tabela 3, “macacos” era o modo como os cangaceiros se dirigiam à volante, que era a polícia da época.

Portanto, pode-se considerar que as expressões mencionadas e o sotaque, quando associados aos elementos do cenário, do figurino e da própria história do cangaço, são utilizadas para reforçar a ideia de que tudo se passa no nordeste do Brasil, como forma de referenciar o discurso na formação da imagem que temos do ambiente no qual o movimento estava inserido. Isso se torna evidente se imaginarmos os atores executando as mesmas falas com o sotaque carioca, por exemplo, o que causaria uma ruptura nesse processo de associação e iria descaracterizar significativamente a natureza do personagem.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O saldo da experiência analítica é sempre positivo se partirmos do pressuposto de que ela propõe uma quebra em nossos próprios paradigmas para nos tornar mais críticos em relação ao universo que nos cerca. A proposta desse trabalho era, através do reconhecimento da realidade como uma construção e da existência de muitas linguagens, estabelecer relação entre o cangaço e a novela. Foi desafiador viajar pelas entrelinhas de um processo que ocorre de forma tão rápida em nossa mente para tentar compreendê-lo, mas a bibliografia ofereceu esse suporte teórico necessário e favoreceu uma reflexão fundamentada e comprometida com a qualidade do conteúdo a ser produzido.

Entre os elementos escolhidos, destacamos a clareza da mensagem expressa na cenografia e nos figurinos – dos quais a minúcia dos detalhes fazia saltar aos olhos uma composição cheia de significados; assim como a caracterização feita para as falas,



auxiliou nessa aproximação entre objeto com a realidade a ser retratada. Entendemos, através desse estudo, que tudo foi planejado para surtir esse efeito e gerar no telespectador a associação imediata entre a novela e o estereótipo existente acerca do cangaço.

Por fim, esse trabalho também evidenciou o fato de que a televisão (assim como o cinema) já mostrou grande interesse em produzir obras dentro do contexto do cangaço, do nordeste e do sertão. Isso quer dizer que ele foi apenas um ponto de partida, um convite para a busca de uma maior profundidade no modo como vemos, compreendemos e reproduzimos os produtos da mídia.

### REFERÊNCIAS

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: Tratado de sociologia do conhecimento. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 24. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2007. – (Coleção a)

MACHADO, Irene. **O ponto de vista Semiótico**. In: HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Orgs). **Teorias da Comunicação**: Conceitos, escolas e tendências. 3. Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo, Editora Thomson, 2005.

**Elenco do Cangaço conta o que aprendeu com seus personagens**. Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/cordel-encantado/Bastidores/noticia/2011/09/elenco-do-cangaco-counta-o-que-aprendeu-com-seus-personagens.html>; Acesso em 05 Jan 2015.

**Cordel Encantado**. Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/cordel-encantado/plantao/7.html>; Acesso em 05 Jan 2015.

**No cangaço Herculano é bandido e Herói**. Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/cordel-encantado/Fique-por-dentro/noticia/2011/04/no-cangaco-herculano-e-bandido-e-heroi.html>; Acesso em 05 Jan. 2015.

**O Cangaço**. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/brasil/cangaco.htm> Acesso em: 10 Jan. 2015

**O Cangaço**. Disponível em: <http://www.infoescola.com/historia/o-cangaco/> Acesso em: 10 Jan. 2015

**O Cangaço**. Disponível em: <http://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/cangaco.htm> ; Acesso em: 10 Jan. 2015



**Reportagem especial da Rede Record.** Disponível em: <http://noticias.r7.com/videos/arquivo-record-conheca-a-historia-de-lampiao-o-rei-do-cangaco/idmedia/4e2359223d14613cbb0785d0.html>

Acesso em 7 Jan. 2015.

**Série de reportagem “Nas trilhas do sertão”.** Disponível em: <http://noticias.r7.com/jornal-da-record/serie/trilhas-do-sertao/>; Acesso em: 18 Jan. 2015.

**Vídeo de abertura da novela:** <https://www.youtube.com/watch?v=XMI11D1zSLw>; Acesso em: 10 Jan. 2015.

**Filmografias das obras cinematográficas sobre o cangaço.** Disponível em: <http://www.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>; 18 Jan. 2015.

**Filmografia de “O auto da compadecida”.** Disponível em: <http://www.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&exprSearch=o%20%20and%20%20auto%20%20and%20%20da%20%20and%20%20compadecida&nextAction=lnk&lang=p>  
Acesso em: 18 Jan. 2015.